

RESENHAS

NAVAS SÁNCHEZ-ÉLEZ, Maria Victoria. *El barranqueño un modelo de lenguas en contacto*. Madrid: UCM Editorial Complutense/Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 2012, 319p.

Sai à luz a obra *El barranqueño un modelo de lenguas en contacto*, de M. V. Navas. O texto, consubstanciado num forte espírito de investigação e trabalho de campo, evidencia a solidez de um labor levado a cabo durante décadas, o que faz com que esteja fundamentado na maturidade, experiência e reconhecimento no mundo académico.

Apesar das limitações impostas pela natureza destas linhas e do muito que se pode dizer sobre a carreira de V. Navas, cumpre mencionar, ainda que de forma breve, o envolvimento da autora nos estudos sobre o barranqueño.

A um forte gosto pessoal pelos temas da variação linguística e a uma influência exercida por parte de seus mestres, poderemos acrescentar um convite endereçado por L. Cintra em 1987, para que a autora realizasse um estudo sobre o barranqueño. Reunidas as condições, M. V. Navas passou a integrar o *Projec-to Diacronia e Sincronia: Linguagens Fronteiriças* do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, do qual é, desde então, a única responsável. A autora publicou vários textos sobre o barranqueño, ou directamente relacionados com esta variedade, ao longo da sua carreira. São estes materiais que se encontram compilados nesta edição, na qual são incluídos três textos inéditos. Esta obra é o corolário de uma investigação de três décadas.

M. V. Navas tem como fontes directas para a descrição do barranqueño a obra de L. Vasconcelos, que reúne dados levantados *in situ* entre 1938 e 1939 com as metodologias vigentes. A estes elementos podemos agregar os recolhidos por L. Cintra, no contexto da sua participação no ALPI e em outras recolhas levadas a cabo em Barrancos. Durante as suas estadas, a partir de 1988, a autora realizou um trabalho de campo, reunindo dados, que, para além de engrandecerem o *corpus* do barranqueño, permitiram um processo de sistematização pelo confronto com os já existentes.

Por esta altura será lícito mencionar o carácter pioneiro da presente obra,

na medida em que os níveis sociolinguísticos apresentados são tratados com uma metodologia que não fora ainda usada em Portugal. A autora segue uma linha laboviana, na qual as variáveis selecionadas, entre factores linguísticos e extralinguísticos, têm um tratamento estatístico, o que permite, mais do que nunca, o conhecimento da variação dentro da própria língua.

Ao longo de anos, M. V. Navas levou os estudos sobre o barranquenho, no contexto da formação das línguas de contacto, a várias partes do mundo e é, nos nossos dias, uma autoridade de referência incontornável, no que respeita a esta disciplina ainda em fase de desenvolvimento. Neste sentido, para além do valor que a obra, só por si, revela para o conhecimento do barranquenho, também cumpre uma importante função no âmbito académico.

Tendo em conta os contactos linguísticos mais estreitos, impelidos pela globalização, o estudo das línguas de contacto é fundamental para a compreensão dos mecanismos que presidem à formação das mesmas e das próprias comunidades. O trabalho com que M. V. Navas nos brinda é um depoimento dessa necessidade imperiosa.

Na presente obra, para além de uma nota prévia da responsabilidade de J. Saramago e de G. Vitorino, existe uma introdução bastante elucidativa de tudo o que envolve a preparação deste trabalho. O corpo do texto encontra-se desenvolvido ao longo de quatro capítulos, aos quais se seguem o quinto e o sexto, respectivamente, a bibliografia e os anexos.

O primeiro capítulo apresenta como aspectos fundamentais a contextualização geográfica de Barrancos, a evolução da noção de fronteira e, termina, centrando-se no espaço fronteiro hispano-português, mais concretamente na margem esquerda do Guadiana. Para o âmbito da contextualização geográfica, são desenvolvidas informações relativas à geografia física, economia e aspectos socioculturais de Barrancos.

A segunda grande divisão interna deste primeiro capítulo atende à ideia de fronteira, tendo em conta o período que vai desde Idade Média aos nossos dias. São abordados temas como a noção de “marca”, tal como uma faixa de território, por oposição à ideia de linha divisória. Esta abordagem apresenta uma perspetivação diacrónica, encontrando-se directamente relacionada com a evolução da noção de Estado e do papel da Igreja na sociedade política.

Numa última linha de análise, V. Navas situa Barrancos na margem esquerda do Guadiana. Este espaço de confluência será definido pelas referências ao povoamento, divisões administrativas, interesses económicos e políticos levados a cabo desde a Antiguidade, passando pelos tempos conturbados da Reconquista Cristã, até quase aos nossos dias. O capítulo finda com a questão

do isolamento de Barrancos como sendo um agente simultâneo de criação e de manutenção, neste espaço geográfico, de uma cultura e de uma língua próprias.

A descrição exaustiva do barranquenho tem lugar no segundo capítulo desta obra. Desta feita, a autora realizará uma abordagem, partindo da caracterização genérica, para o tratamento de elementos específicos desta variedade.

O capítulo começa com uma apresentação dos níveis sociolinguísticos relativamente ao uso do barranquenho nesta comunidade diglósica, seguindo-se uma descrição dos traços fonológicos, aspectos morfossintáticos e lexicais da variedade numa perspectiva comparativista com as línguas que lhe estão próximas.

A autora dá seguimento, adentrando-se num estudo pormenorizado sobre a realização da sibilante em coda e em fronteira de palavra. Mais uma vez, são postas em contraste outras variedades de fronteira na observação dos dados.

A novidade neste estudo é, como já foi mencionado, o tratamento dado aos dados sobre o contexto de realização da sibilante em coda. V. Navas começa por apresentar os resultados totais relativos a estas realizações com sibilância [s], aspiração [h] e realização nula [ø], passando a tratar, de forma exaustiva, os factores linguísticos e extralinguísticos presentes na distribuição de cada variável. Segundo a interpretação da autora, as realizações nula [ø] e aspirada [h] da sibilante encontram-se em regressão devido, essencialmente, a factores extralinguísticos, como o nível de escolarização e um menor contacto com a Andaluzia.

Devido a algumas realizações da sibilante com grau zero [ø] em coda e, tendo em conta que o barranquenho se aproxima do andaluz ocidental na tendência de não marcação do plural com morfema, V. Navas desenvolve um estudo estatístico, no qual apresenta resultados sobre os processos de marcação de plural, evitando a ambiguidade, em barranquenho.

Ainda dentro do mesmo capítulo, são tratados outros assuntos como o SP com pronome pessoal de sujeito na 1ª pessoa do plural (“com nós”). A autora traça um paralelo, tendo em conta o mesmo constituinte, com outras variedades peninsulares, fazendo referencia, também, ao paradigma latino.

No que respeita ao tratamento dado à questão verbal, são postas em relevo duas perspectivas de análise. Por um lado, a autora faz uma observação dos paradigmas verbais do presente e do pretérito perfeito do indicativo em barranquenho, tendo em conta, mais uma vez, os elementos sincrónicos e diacrónicos. Por outro, são abordadas questões relacionadas com o uso e colocação do clítico, bem como, das “formas híbridas” encontradas no sistema do barranquenho.

O capítulo termina com o estudo de três áreas lexicais resultantes da análise do *corpus* recolhido ao longo dos tempos por autores como L. Vasconcelos e V. Navas, bem como, de outros dados provenientes do ALPI e do ALEA. Trata-se de vocabulário da agricultura, do corpo humano e dos ofícios. Cumpre destacar, no que respeita aos elementos resultantes do contacto linguístico, a dificuldade na diferenciação entre empréstimos do espanhol e arcaísmos do português.

O terceiro capítulo desta obra diz respeito ao estudo das línguas de fronteira. Encontra-se perspectivado em três linhas de análise. A primeira, dá conta dos elementos teóricos sobre as línguas de contacto, âmbito em que se insere o barranquenho. Inicialmente, são levados em conta os elementos que filiam os estudos de contacto linguístico à Antiguidade. Seguidamente, a análise centra-se nas grandes aportações do séc. XX, nomeadamente, na referência à orientação dos estudos de sociolinguística. Destacam-se, ainda, temas polémicos, como a formação das línguas de contacto e dos crioulos, bem como, a alusão à política e planificação linguísticas, áreas de estudo bastante importantes nos nossos dias.

A segunda linha de análise concerne à visão de contraste, centrada em duas áreas geográficas de contacto linguístico: A fronteira ibérica e a fronteira entre o Brasil e o Uruguai. V. Navas mostra que as duas variedades, o barranquenho e o *fronterizo*, embora partam de uma suposta parecença, apresentam resultados bem diferentes, o que ilustra a complexidade dos agentes envolvidos na formação destas línguas.

No que respeita à fronteira hispano-portuguesa, a autora estabelece uma comparação de traços fonológicos, a partir do estudo de três variedades do *continuum* meridional: O português, o barranquenho e o andaluz ocidental. Podem ser destacados, entre outros, os fenómenos como o betacismo, síncope de <-d-> intervocálico e a queda de <-l> e de <-n> em coda.

Passando à questão do *fronterizo*, V. Navas começa por situar esta variedade nas áreas de contacto entre o português e o castelhano. Seguidamente, trata de aspectos históricos relacionados com os conflitos originados pelas divisões territoriais, quer na P. Ibérica, quer na América, constituindo estes, aportações fundamentais para a formação destas variedades.

Os aspectos linguísticos são colocados também numa perspectiva contrastiva entre o barranquenho e o *fronterizo*, chamando a atenção para as diferenças de base das duas variedades mistas em questão. São abordados traços fonológicos, sistema morfossintático e léxico partilhado, ou não, em cada uma.

Outro dos aspectos a salientar é a questão do contacto entre as populações dos dois lados da fronteira, tendo em conta o número de habitantes, natureza das relações e interesses manifestados na outra comunidade, que parece apresentar

resultados muito diferentes nas duas áreas de estudo mencionadas.

No capítulo IV desta obra, a autora deambula por textos exemplares da literatura oral tradicional bem como, por alguns elementos da tradição musical.

As tipologias textuais mencionadas, que vão desde as paremias, romance espanhol tradicional, às tradições dos *quintos*, servem como ilustração de dados relativos à cultura e aspectos linguísticos da, já referida, comunidade diglósica de Barrancos.

Neste sentido, a autora apresenta elementos atinentes à filiação dos textos (datas, lugares e manifestações culturais associadas), bem como, aos processos e áreas de difusão dos mesmos.

Ainda no âmbito cultural, cumpre mencionar a inclusão de estudos sobre as composições e instrumentos musicais relativos às tradições dos *quintos* e do *bibo*, sendo, de forma mais ou menos directa, comuns a outros lugares europeus, embora a última se encontre em retrocesso no nosso território.

No que respeita aos aspectos linguísticos, estes textos são testemunhos do contacto levado a cabo durante séculos na área em estudo, na medida em que apresentam marcas das variedades existentes em ambos os lados da fronteira, constituindo, normalmente, transferências de formas de uma variedade a outra.

No que concerne ao capítulo V, é importante referir que a base bibliográfica desta obra apresenta uma abrangência bastante considerável, quer em áreas temáticas, quer no que se refere ao corte temporal, pois recolhe um acervo que vai desde os primeiros estudos sobre os fenómenos de variação linguística às actualizações recentes sobre o tema, tendo em conta um espaço geográfico bastante significativo, no qual se inscrevem os fenómenos de variação mencionados ao longo da obra.

Os anexos constituem o sexto e último capítulo deste livro. É um apartado de grande utilidade, na medida em que apresenta, de forma condensada e exemplificativa, algumas das realidades desenvolvidas ao longo deste trabalho, possibilitando uma consulta mais rápida. A autora começa por especificar a natureza dos anexos incluídos, como os questionários, os testes realizados, tendo em conta a tipologia destes últimos. São referidas, ainda, as variáveis utilizadas para a análise da sibilante em posição implosiva *-/s/*, quer linguísticas, quer sociais, bem como, as percentagens relativas à distribuição do mesmo fenómeno. O último elenco de variáveis mencionado reporta-se à análise de SN.

Este capítulo termina com uma mostra do barranquenho e, para esse efeito, é apresentado um texto que constitui uma entrevista a um informante, com a respectiva transcrição fonética e uma transcrição ortográfica do mesmo em português.

Em suma, M. V. Navas, através da sua obra, sabe situar-nos no seio de um exemplo fascinante de uma língua de contacto plenamente viva no séc. XXI. No seio, porque pela leitura dos vários aspectos abordados, verificamos que a comunidade e a língua barranquenha foram forjadas no contacto secular de povos próximos, movidos pelos seus interesses vigentes.

De facto, em Barrancos parece ter-se criado uma área de interface, que fez germinar este enclave sociocultural, a partir da interpenetração de elementos periféricos em relação aos grandes centros polarizadores do poder nos dois Estados ibéricos. O barranquenho nasce, pois, do contacto das variedades marginais, corroborado por factores extralinguísticos. Esta variedade apresenta um hibridismo de elementos, que a particularizam como um sistema autónomo e, em simultâneo, a colocam no *continuum* linguístico e cultural do Sul ibérico.

Conduzindo-nos sabiamente por esse espaço, M. V. Navas faz-nos experimentar a desconcertante sensação de descoberta de algo muito especial e, algumas vezes, de reencontro com as nossas próprias raízes. Este livro é um testemunho de que, para além da tão debatida *lide* dos toiros, existe um património cultural ímpar em Barrancos, do qual se destaca a sua língua, que merece ser conhecida e divulgada.

Victor M. D. Correia
Universidade de Évora

ANTUNES, Irandé. *Territórios das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2012, 176 p.

Todo ato de linguagem é, em alguma medida, um modo de agir, no sentido de que pretende alcançar certo efeito prático. A escolha dessa ou daquela palavra está na dependência de se conseguir esses efeitos (p. 43).

Autora de *Lutar com palavras* (Parábola Editorial), Irandé Antunes doutorou-se em linguística pela Universidade Clássica de Lisboa, construiu carreira acadêmica na Universidade Federal de Pernambuco e, após aposentar-se naquela Instituição de Ensino Superior, assumiu novo período docente na Universidade Estadual do Ceará – volta à abordagem das controvérsias lingüísticas em *Território das palavras – estudo do léxico em sala de aula*.

A proposta do livro erige-se na premissa de que a gramática assumiu lugar hegemônico – de quase monopólio – no ensino, deixando de fora outros componentes que possibilitam a comunicação verbal. A eficácia nas competências de falar, ler, compreender e escrever se concretizará quando a ampliação e a exploração do território das palavras se mostrarem mais importantes do que o território da gramática, evidenciando o léxico na construção da coesão e da coerência.

O primeiro capítulo sentencia: o estudo do léxico é insuficiente e breve. Em decorrência da insuficiência e da brevidade, problemas são detectados: 1) Limitação de vocabulário ao significado básico; 2) Desconsideração das metáforas (usadas igualmente nos textos não literários); 3) Assimilação superficial e imediata das palavras; 4) Predominância de exercícios que se concentram em sinônimos e antônimos; 5) Orientação de alunos a corrigirem seus textos (limitando-se a estabelecer parâmetros entre certo e errado) sem ampliar suas competências lexicais. O léxico não é visto como “(...) componente fundamental da construção textual dos sentidos”. (p.24)

Uma proposta de minimizar os efeitos do problema – prossegue o segundo capítulo – estaria no estudo da língua no campo léxico, enfatizando as relações

de sentido das palavras: sinonímia, antonímia, hiperonímia (destacando-se os hipônimos, classe que recebe pouca atenção nos livros didáticos), paronímia (ou meronímia), associação semântica, pressuposição, inferência, efeitos de sentido, diferentes “figuras de linguagem” (metáforas e metonímias), significados “afetivos das palavras”, eufemismos, ambiguidades, estratégias referenciais, expressões cristalizadas, emprego de palavras parônimas e homônimas.

Do ponto de vista da textualidade – que é o que mais interessa aqui – todo esse conjunto de relações tem uma importância fundamental. Elas promovem a necessária continuidade semântica que caracteriza a atividade textual. Em toda a linha do texto, as palavras vão formando elos que possibilitam a configuração linguístico-cognitiva de uma unidade semântica. Não é o sentido particular de cada palavra que confere unidade ao texto. É a rede de sentidos criada, explícita ou implicitamente, pelas palavras presentes à linha do texto. Uma remetendo a outra, anterior ou posterior, próxima ou distante. Uma condicionando a outra ou pressupondo a outra; uma dando acesso a outra ou associando-se a outra. (p.40)

A rede de sentidos – continua o terceiro capítulo – concentra-se na palavra, dividida em Lexema (Unidade de Sistema Lexical, representando as Unidades da Língua) e Vocábulo (ocorrendo em determinados textos, representado pelas Unidades do Discurso). Ao trabalho, reforça a autora, interessam os vocábulos: a escolha da palavra na composição determinados textos. A partir dela nos posicionamos sobre o que temos a dizer (delimitando assuntos ou temas), realizamos propósitos determinados, selecionamos o suporte e o repertório para gêneros específicos, analisamos o leitor ou o ouvinte em foco, a modalidade do uso da língua (se oral ou escrita), o nível de formalidade do texto, a interação verbal no contexto (“cenas” surgem quando da aquisição de sentido pelo enunciado). O vocabulário – assegura o quarto capítulo – tem função estruturante de “armação” textual: fornece Direção de Continuidade (elementos já sabidos, que são “dados”) e Direção de Progressão (elementos ainda não conhecidos, que são “novos”). Esses elementos de “armação” consolidam-se nas operações de coesão em que se destaca a repetição de palavras, cujas finalidades são fomentar a unidade semântica e a concentração temática, distinguir a função estruturante de marcar retomadas e fechamentos, causar efeitos discursivos. Não importa a quantidade de repetições, mas os lugares estratégicos em que são inseridas, tendo em vista assinalar a continuidade do tema, enfatizar, reforçar, intensificar, repetir para explicar, enumerar, reformular, corrigir, contrastar e, ao fim, resumir ou concluir. O capítulo cinco enfatiza a coesão pelo uso de vocábulos semanticamente equivalentes que – considerando a continuidade

referencial e a continuidade predicativa – constroem nexos pelo emprego de sinônimos, hiperônimos, equivalências criadas por definições, caracterizações ou aproximações semânticas.

O quadro didático – disposto no capítulo seis – apresenta singularidades e similaridades entre coesão e coerência. Ressalta que “(...) a escolha das palavras é fundamental para a qualidade do que se fala e do que se escreve”. (p.97) As atividades humanas são ações de leitura: leituras múltiplas, diversas, heterogêneas e heterodoxas. Conforme se depreende no capítulo seguinte, nos enfrentamentos entre vocabulário e gramática, não existe gramática, mas gramáticas. Sob esse prisma, associa-se o ensino gramatical aos estudos filosóficos e literários, principalmente à retórica, considerada a “arte de bem dizer”, de definir estratégias de convencimento de públicos sem preocupação com a correção lingüística. A boa retórica é um exercício de dominação.

Analisando a criação estética, esclarece que a linguagem literária é a violação dos cânones e a desconstrução da linguagem comum, a legitimação de novos modos de dizer, a valorização da forma (significante em detrimento do significado). Os textos – literários ou não – são os resultados das somas dos itens do léxico aos itens da gramática: “(...) os sentidos do que se quer dizer exigem o concurso simultâneo do léxico e da gramática”. (p.132) Gramáticas e dicionários – salienta o nono capítulo – completam-se, articulam o registro da memória social das línguas. Bem utilizados, os dicionários podem promover a ampliação lexical do repertório do aluno, principalmente quando adequadamente propostas atividades de leitura e de escrita.

Os incentivos ao estudo do léxico precisam de diretrizes pragmáticas. Com esse intuito, o penúltimo capítulo aborda caminhos a serem trilhados no âmbito escolar: 1) Linguagem como ação discursiva (exploração do conhecimento do léxico nas competências, produzindo discursos claros e fluentes, assimilando vocabulários especializados); 2) Vocabulário como elemento estruturante do texto, apoiando-se nas unidades do léxico, enfatizando os mecanismos de coesão e de coerência; 3) Estudo do léxico como resposta às demandas sociais destacando-se, por exemplo, os novos tipos e os novos níveis de letramento; 4) Renovação e expansão lexicais, considerando-se dinamicidade e instabilidade, formalidades e informalidades, regionalismos, derivação, composição, neologismos, empréstimos, atribuições de novos sentidos a palavras já existentes na língua; 5) Decisões quanto à escolha das palavras com o objetivo de provocar efeitos discursivos, utilizando-se de polissemia, metáforas e metonímias, pressuposições e inferências, colocações e efeitos, expressões fraseológicas e de polidez/cortesia verbal. As escolhas decorrem do afastamento da gramática

como monopólio/eixo único dos programas de ensino da língua. Para a viabilização de tais programas são necessárias escolhas que abordem propósitos comunicativos, heterogeneidade de gêneros, suportes, linguagens, temáticas, extensão e graus de formalidade, complexidade lingüística e faixa etária. O livro didático não pode ser ferramenta exclusiva da aula.

A autora cobra eficiência não apenas dos alunos e dos professores, mas principalmente dos gestores escolares ou educadores de apoio que definem o cumprimento de metas em prazos médios e longos. A produtividade não pode – nem deve – se restringir ao maniqueísmo “expectativa de sucesso” *versus* “intolerância ao fracasso”. A produtividade necessita de projetos e finalidades globais, aliando-se racionalidade à afetividade, abrindo-se ao novo, descobrindo que todas as certezas – assim como salientaria Montaigne séculos antes – são relativas.

Inicialmente destinados aos alunos de Letras e de Pedagogia assim como aos professores de ensino médio e de ensino fundamental, *Território das palavras* mostra-se acessível ao público em geral que, sofrendo nas rotinas escolares, descobre, diante dos desafios acadêmicos, científicos, profissionais ou nos processos seletivos – vestibulares ou concursos públicos – que a boa articulação – não apenas textual – nos processos de comunicação alcança bons resultados quando as palavras se tornam, em conjunto com a gramática, território conhecido, seguro e transitável:

(...) os sentidos e as intenções expressos em qualquer texto resultam não apenas do conjunto das unidades lexicais que escolhemos (a rigor, substantivos, adjetivos, verbos), mas também das relações que, pela presença das unidades da gramática, são estabelecidas entre aquelas unidades. Quer dizer, do ponto de vista lingüístico, o global entendível a partir dos elementos lingüísticos de um texto é fruto da vinculação entre léxico e gramática. (p. 112)

Vicentônio Regis do Nascimento Silva
Universidade Estadual de Londrina